

PPG LETRAS UFRGS
50 ANOS DE UMA HISTÓRIA:
RELATOS PESSOAIS



**PPG LETRAS UFRGS
50 ANOS DE UMA HISTÓRIA: RELATOS PESSOAIS**

PET Letras (orgs.)



2022

Direito autoral:

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Todos os direitos desta edição reservados à Editora Noctua. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995.)

Conselho Editorial Noctua

Amanda de Campos Cerioli

Amanda Fernandes Alves

Bianca Gomes Martins

Brenda Mensch

Ediele Maria Rodrigues de Lima

Felipe Pergher

Gabriela Di Diego

Gabriel de Ávila Othero

Gabriele Pergher

João Manoel Pinto Alves

João Vicente Cardoso Kohem

Natália Fernanda Silveira da Pureza

Pietra Rafaela Antunes Krug

Coordenação editorial: Gabriel de Ávila Othero

Revisão ortográfica: PET Letras

Capa: Amanda Fernandes Alves

Foto: Acervo História do Instituto de Letras UFRGS

Projeto gráfico e diagramação: Rose Tesche

1ª edição em 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

PPG Letras UFRGS : 50 anos de uma história : relatos pessoais / PET Letras, (orgs.) ; [coordenação Gabriel de Ávila Othero]. -- Porto Alegre, RS : Editora Noctua, 2022.

ISBN 978-65-00-48157-0

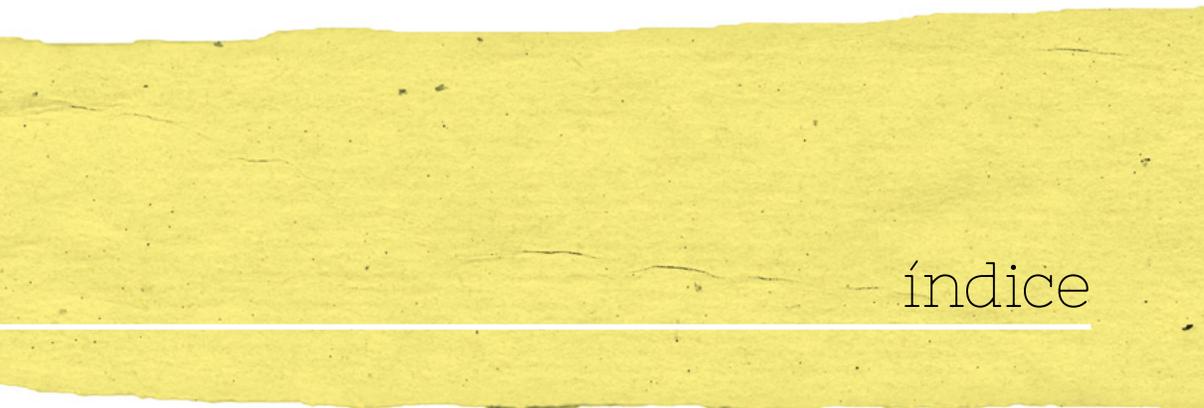
1. Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - História 2. Professores - Relatos I. PET Letras.
- II. Othero, Gabriel de Ávila.

22-116827

CDD – 378.155098165

Índices para catálogo sistemático:

1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul : Programa de Pós-Graduação em Letras : História 378.155098165 Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



índice

| | |
|------------|------------------------------|
| 007 | Prefácio |
| 011 | Anamaria Welp |
| 027 | Antonio Sanseverino |
| 041 | Carina Rebello Cruz |
| 047 | Carmem Luci da Costa e Silva |
| 059 | Elaine Indrusiak |
| 085 | Elisa Battisti |
| 095 | Gabriel de Ávila Othero |
| 103 | Ingrid Finger |
| 117 | Lucia Sá Rebello |
| 125 | Luciana Vinhas |
| 139 | Luís Augusto Fischer |
| 185 | Luiz Carlos Schwindt |
| 191 | Márcia Ivana Lima e Silva |
| 209 | Maria da Glória Bordini |
| 213 | Michael Korfmann |
| 227 | Silvana Silva |
| 235 | Simone Sarmento |
| 257 | Ubiratã Kickhöfel Alves |
| 285 | Valdir do Nascimento Flores |

A horizontal strip of yellow, textured paper with a deckled edge, serving as a background for the name.

elaine indrusiak

Professora Associada do Departamento de Línguas Modernas e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, possui graduação em Letras – Língua Inglesa (1998), mestrado (2001) e doutorado (2009) em Letras – Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É tradutora pública e intérprete comercial do RS e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva (UFRGS) e do grupo de pesquisa Intermídia (UFMG). Realizou Pós-Doutorado junto ao Departamento de Cinema e Mídias Interativas da University of Miami (2015-2016). Tem experiência de ensino e gestão na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: estudos de adaptação e intermedialidade, estudos de narrativa, literaturas e culturas de língua inglesa, estudos de tradução e literatura comparada.

Em *Epitáfio*, o “titã” Sérgio Britto sintetizou os motivos por que entrei para o curso de Letras no já longínquo ano de 1994: O acaso vai me proteger / Enquanto eu andar distraído. Eu andava distraída; pensava que minha paixão por livros e por filmes “velhos”, assim como minha facilidade para escrever e para aprender línguas, eram aptidões de segunda grandeza *que não deveria levar (tanto) em consideração para minha escolha profissional*. Não me via professora, tampouco tradutora; me via médica.

Felizmente, o acaso não me via assim, e me fez apontar Letras como segunda opção na inscrição para o Vestibular da UFRGS (coisa que nem existe mais). Feito isso, ele (o acaso) e a média ponderada decidiram que, para ser médica, eu precisaria de umas aulas a mais de química, mas para Letras eu já estava “no ponto”. Não entendi, de imediato, o recado; mas matriculei-me no curso – Licenciatura em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa – com o firme propósito de ali ficar por apenas um semestre, aproveitando a hospitalidade do Campus do Vale para caprichar nos estudos de literatura, línguas e redação para, posteriormente, encarar as exatas e biológicas com renovadas forças para novo Vestibular.

Uma semana. Foi isso que durou meu plano; uma semana de aulas, e nunca mais me afastei das letrinhas. Acaso, destino, ou amor à primeira vista; tanto faz. O fato é que ao final do primeiro

mês de aulas eu já era monitora de inglês, algo que também viria a “selar o destino” mais adiante.

Certamente a minha identificação imediata com o curso ocorreu, também, em função de minha familiaridade com o inglês, língua que eu estudava desde criança. Já no final do primeiro ano de faculdade, fui contratada como professora do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano, um centro binacional que oferece cursos de língua e cultura e que, à época, tinha uma biblioteca que eu considerava um dos espaços mais maravilhosos do centro de Porto Alegre. Tudo levava a crer que eu seguiria por essa área de ensino de língua estrangeira, um dos braços dos Estudos Linguísticos, mas havia uma coisa me incomodando: eu achava o fim da picada essa divisão entre linguística e literatura, que parece ser tácita e inescapável nos cursos de Letras do Brasil.

Na verdade, ainda acho, mas hoje tenho uma melhor compreensão de que não se trata de uma divisão arbitrária ou mantida por mera inércia, mas algo cuja superação demanda esforços orquestrados de uma série de setores envolvidos. O fato é que eu adorava as aulas de língua e de linguística, mas meus olhos brilhavam mais nas aulas de literatura, fossem de língua portuguesa, que estudei com a professora Jane Tutikian, fossem de línguas estrangeiras. Foi com a saudosa professora Márcia Hoppe Navarro que descobri Cortázar e Borges, e aos poucos, comecei a achar que ensinar inglês não me dava a oportunidade de ler e discutir também esses autores de língua espanhola, então, talvez fosse o caso de repensar aquela história de medicina. Mas essa era uma

época de transformações dentro do IL e, assim como eu, a Profa. Patrícia Lessa Flores da Cunha, de quem eu havia sido monitora, estava trocando o ensino de inglês pela teoria literária.

Essas transformações refletiram a efervescência causada em nível nacional pelo crescimento da Literatura Comparada como disciplina autônoma e da consolidação da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) como uma das principais entidades de pesquisa literária na América Latina. Fundadora e primeira presidente da Associação, a professora Tânia Franco Carvalhal também viria a assumir a vice-presidência da prestigiosa International Comparative Literature Association, e sua atuação no Instituto de Letras redundou não apenas em importantes publicações e eventos acadêmicos, mas, acima de tudo, na formação de uma geração de competentes comparatistas que seguiram atuando no IL e em diversas outras universidades brasileiras.

Em 1996, imbuída desse mesmo espírito comparatista, gregário e expansionista, a professora Neusa da Silva Matte, que também me apresentou grandes autores nas aulas de literatura inglesa, capitaneou um grupo de pesquisadores de tradução do IL para formar o Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva; o NET para os íntimos. Abrigando projetos de pesquisa em tradução do inglês (Neusa Matte, Patrícia Lessa Flores da Cunha, Sara Viola Rodrigues e Vânia Falcão), do espanhol (Pedro Câncio da Silva e Maria Lúcia Machado de Lorenci), do francês (Maria Luíza Berwanger da Silva), do alemão (Erica Schultz), do italiano (Daniela Norci Schroeder), do japonês (Tomoko Kimura Gaudio e Meiko Shi-

mon) e do latim (Lúcia Sá Rebello), o NET passou a desempenhar (e o faz até hoje) papel de destaque na qualificação das diferentes ênfases do Bacharelado em Letras da UFRGS.

Ainda sob a mesma coordenação, o NET lançaria, em 1998, a Revista *Translatio*, periódico dedicado à divulgação de pesquisas em tradução, traduções comentadas e textos seminiais dos Estudos de Tradução. Após uma curta existência impressa, a *Translatio* migrou para o sistema de periódicos eletrônicos da UFRGS, onde ainda cumpre seu importante papel acadêmico sob a editoria do professor Rafael Brunhara e minha. Embora eu fosse aluna da licenciatura, minha experiência muito bem-sucedida como monitora da professora Patrícia rendeu-me um convite para me juntar ao NET como bolsista de Iniciação Científica. Não foi difícil de me convencer a trocar as salas de aula de cursos de inglês pela rotina de pesquisa acadêmica, já que o estudo de tradução literária não apenas permitia, mas demandava, um olho na língua e outro na literatura, como eu sempre desejei.

Assim, aos poucos, fui me apropriando dos Estudos de Tradução a partir do viés comparatista, muito propenso à interdisciplinaridade, e não demorou para que o conceito de “tradução intersemiótica” chamasse minha atenção como a chave para juntar, além da língua e da literatura, muitas outras coisas que me interessavam academicamente, mas que costumavam ser tratadas de forma apartada e mesmo estanque. Não que o conceito fosse alguma novidade; sua cunhagem é obra do linguista Roman Jakobson e remonta a 1959. Introduzida no Brasil uma década

depois, a noção de tradução entre sistemas semióticos começou a se popularizar e a encontrar aplicações diversas justamente na década de 1990, em grande parte graças aos trabalhos de semioticistas como Lúcia Santaella e, em particular, do artista intermídia e professor Júlio Plaza.

Especificamente dentro da área de Letras, a Profa. Thaís Flores Nogueira Diniz, da UFMG, também começava a chamar a atenção para seus estudos das relações entre literatura e outras artes, tanto pelo viés da tradução, quanto em referências aos Estudos de Adaptação que começavam a se consolidar internacionalmente. Na inexistência de Internet e outros facilitadores modernos da circulação da produção acadêmica, quem teve papel de destaque em divulgar tais novidades foram os eventos nacionais e internacionais realizados por associações como a ABRALIC e a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll), cujos Grupos de Trabalho fomentaram e consolidaram trocas e cooperações acadêmicas.

Como diversos pesquisadores do NET participavam ativamente de tais eventos, fui muito privilegiada com o fácil acesso a obras e, é claro, com influências teóricas. Não por acaso, meu primeiro projeto de pesquisa *solo*, como bolsista de Iniciação Científica, bebeu dessas fontes interdisciplinares e intersemióticas para analisar o percurso adaptativo de *Frankenstein*, de Mary Shelley, para o cinema. Essa primeira experiência de pesquisa foi extremamente positiva, tanto do ponto de vista acadêmico, com publicações e apresentações em eventos locais e nacionais, quanto

do pessoal, pois agora já não seria o acaso quem ditaria meus próximos passos na área de Letras; a pós-graduação e a carreira acadêmica passaram a ser os meus objetivos.

Em 1999, ingressei no Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS para cursar o mestrado em Literatura Comparada, sob a orientação de outra grande mestra e influência que já conhecia dos bancos da graduação, a professora Rita Schmidt. Àquela época, Rita já era uma referência incontornável em estudos de literaturas femininas e questões de gênero, e embora essa não fosse a minha área de pesquisa, seu conhecimento enciclopédico acerca de teoria literária garantiu uma sólida orientação ao meu projeto, dedicado ao estudo de adaptações cinematográficas da obra shakespeariana na pós-modernidade. Foi por seu intermédio que nomes como Linda Hutcheon, Steven Connor, Robert Scholes e Robert Burgoyne passaram a fazer parte de meu referencial teórico. Mas nem só de teoria se faz um bom mestrado em Letras, e as aulas do professor Uiratã Paiva de Oliveira garantiam a “diversão” com romances, contos, peças e filmes sensacionais que não apenas ampliaram e diversificaram meu repertório de obras ficcionais para além do universo anglófono, mas me permitiram visitar os saudosos contos de Borges e Cortázar. A satisfação com esse reencontro e o aprofundamento do estudo das relações entre literatura e cinema forjaram, alguns anos mais tarde, meu projeto de doutorado.

Ao concluir o mestrado, já estava morando na cidade do Rio de Janeiro, onde tive o privilégio de iniciar minha carreira como professora universitária, apesar de muito jovem, graças à confian-

ça dos colegas de Letras da Universidade Castelo Branco (UCB). Trabalhar em uma universidade privada abriu meus olhos para uma realidade muito diferente daquela da UFRGS, particularmente no que diz respeito ao lugar do ensino de literaturas de línguas estrangeiras em cursos de Letras, já que os currículos enxutos, a necessidade de otimização de pessoal e a famigerada separação entre língua e literatura relegam a um apagado segundo plano as literaturas que não gozam do status de conteúdos do ensino básico, caso das literaturas anglófonas e hispânicas.

Assim, a formação de professores de línguas estrangeiras, nas instituições privadas, costuma contemplar um mínimo de disciplinas de literatura que, diferentemente daquelas de língua ou de linguística, têm um caráter bem menos aplicado, bem menos voltado à formação de um repertório literário ou de um lastro teórico-crítico a ser empregado posteriormente na prática do ensino. Em suma, as literaturas estrangeiras, a despeito de suas muitas potencialidades, parecem existir em tais currículos a fim de garantir um certo verniz cultural, apresentar um capital cultural mínimo – as leituras canônicas – que os novos professores poderão ostentar como bagagem e diferencial formativo, mas que raramente saberão empregar em suas aulas de língua, seja no ensino básico, seja na formação complementar dos cursos de línguas estrangeiras.

Talvez a maior evidência desse estado de coisas fosse o acervo de obras literárias em inglês de que a biblioteca da UCB dispunha. Lembro, como se fosse ontem, da primeira vez que fui à biblioteca, empolgadíssima com meu novo emprego e com as perspectivas

de um semestre letivo que iniciaria em poucas semanas e para o qual eu deveria preparar meus primeiros planos de ensino de literaturas de língua inglesa. Lembro, também, da frustração e do sutil desespero de descobrir que teria de disputar com as traças os pouquíssimos volumes desatualizados e, mais do que isso, que teria de programar disciplinas inteiras de literatura sem poder contar com livros. O coordenador de curso que havia me contratado, ciente dos níveis de excelência do contexto em que eu me formara professora, já havia recomendado que eu ajustasse minhas expectativas quanto à realidade dos alunos, particularmente em termos de proficiência em inglês, mas ele não tinha me avisado que precisaria descobrir uma forma de ensinar literatura sem livros.

O ano era 2001, e a Internet já despontava como resposta de Santo Expedito a professores em tais apuros. Além disso, o Rio de Janeiro sempre dispôs de excelentes livrarias e bibliotecas; e foi com alguns quilômetros rodados e um investimento nada desprezível em livros importados que supri as carências que nem eram minhas, alinhavando programas de ensino ancorados em pastas e mais pastas de material fotocopiado, filmes e toda sorte de recurso que pudesse ser compartilhado com os alunos. Segundo um mito linguístico muito difundido entre *coaches* motivacionais, a palavra chinesa para “crise” significaria, também, “oportunidade”; isso pode não fazer muito sentido na China, mas, naquele contexto em que eu me encontrava, fez. E muito!

Ao longo dos quatro anos em que trabalhei na UCB, assumi disciplinas tão diversas quanto língua inglesa, fonética e fonolo-

gia, didática, supervisão de estágio, literaturas de língua inglesa e teoria literária. Precisei estudar muito, constituí uma biblioteca pessoal de dar inveja a muito curso de Letras, mas, acima de tudo, tive a oportunidade de tentar superar aquilo que eu via como limitações e “defeitos” da área, como a dicotomia língua vs. literatura, e o tratamento impressionista e superficial dispensado a outras mídias em contextos de ensino de ambas as áreas, particularmente à música na primeira e ao cinema na segunda. Em função disso, minhas discussões acerca de contos incluíam análises sintáticas; adaptações fílmicas eram debatidas como narrativas audiovisuais autônomas, e não como meras materializações visuais de romances canônicos; didática e planejamentos de estágio não podiam prescindir de reflexões acerca de questões culturais, tanto brasileiras quanto de países de língua inglesa.

Após dois anos de trabalho intenso, o reconhecimento veio na forma de mais trabalho intenso, com o convite para que eu assumisse a coordenação geral do curso de Letras, o qual se segmentava nas licenciaturas em português, espanhol e inglês e respectivas literaturas. O convívio mais estreito com colegas oriundos de outros percursos formativos, bem como a necessidade de reformular diversas questões curriculares, tanto em função de limitações orçamentárias da UCB quanto de exigências do MEC, que passara a intensificar a padronização e avaliação de cursos superiores em todo o país, ampliaram muito meus horizontes.

Novamente a posição privilegiada do Rio de Janeiro me permitiu suprir lacunas e encontrar alternativas criativas diante dos

obstáculos do ensino privado, como a semana acadêmica que organizei a “custo zero” e na qual pude assistir, embevecida, a Silvio Renato Jorge e Laura Cavalcante Padilha - renomados estudiosos de literaturas africanas de língua portuguesa da Universidade Federal Fluminense – discorrerem sobre suas pesquisas, orientando meu olhar para aquele enorme continente de farta e diversificada produção literária, também em língua inglesa que, desde então, passei a incorporar ao meu repertório de leituras e ao meu ensino. Creio que foi só então que tive real dimensão do quão problemática era – e, infelizmente, segue sendo – a divisão de disciplinas de língua inglesa no currículo de graduação do IL, cujos títulos apontam exclusivamente para a produção do eixo EUA / Reino Unido (coisa que estamos em vias de mudar, folgo em anunciar).

Apesar da satisfação em trabalhar na UCB, retornei a Porto Alegre em 2004, a tempo de fazer a seleção para o doutorado, novamente em Literatura Comparada, novamente no IL, e novamente na UFRGS. Dessa vez, no entanto, achei que seria interessante mudar ao menos alguma coisa em relação à minha experiência anterior de pós-graduação, e decidi pedir orientação a outra grande e querida professora que conhecera na graduação, Gilda Neves da Silva Bittencourt.

Profunda conhecedora das particularidades do conto literário, a professora Gilda teve papel decisivo no desenvolvimento de minha pesquisa acerca da relação entre a obra de Edgar Allan Poe e o cinema de Alfred Hitchcock com suas contribuições teóricas pertinentes, com sua orientação segura e com o tanto que acres-

centou ao projeto ao convidar, para a banca do exame de qualificação, o Prof. Dr. João Manuel dos Santos Cunha, pesquisador da Universidade Federal de Pelotas e profundo conhecedor de cinema cuja arguição na avaliação de minha então mui incipiente tese, foi uma das melhores aulas que tive sobre relações entre literatura e cinema. Foi um aprendizado, também, constatar que alguns de nossos melhores cérebros não estão nos grandes centros, nas universidades mais afamadas e que disputam as primeiras posições nos rankings acadêmicos nacionais.

A tese que resultou dos quatro felizes anos de doutorado é um trabalho do qual me orgulho muito, apesar do amadurecimento pessoal e acadêmico que tive desde então. Muitas questões levantadas naquela discussão continuaram a me inquietar, em especial as estruturas narrativas que geram suspense, seja na literatura ou no cinema.

Ainda durante o doutorado, tive a oportunidade de lecionar em outra instituição privada de ensino superior, o Centro Universitário Metodista IPA, de Porto Alegre, que aproveitou os vultosos investimentos do Governo Federal em expansão e qualificação dos cursos de graduação e pós-graduação para criar diversos cursos novos, dentre os quais, as Licenciaturas em Letras Português e Inglês. Tudo era novidade e empolgação naquele campus belíssimo e de localização privilegiada: éramos um time de profissionais qualificados que logo se tornaram amigos queridos, tínhamos bastante liberdade para idealizarmos nossos currículos, e recebíamos mais alunos do que conseguíamos aco-

modar com conforto, graças às políticas de bolsas de estudos do Programa Universidade para Todos (PROUNI).

Mas, aos poucos, os velhos percalços das licenciaturas no ensino privado começaram a aflorar, e novamente, me vi às voltas com a necessidade de driblar a falta de livros e recursos institucionais para lecionar literaturas de língua inglesa. Dessa vez, no entanto, meu acesso às bibliotecas e aos colegas da UFRGS facilitou muito meu trabalho, e a necessidade de desenvolver planos de ensino dependentes das velhas pastas de Xerox não me impediram de contemplar as muitas novidades que vinha querendo explorar, como literaturas de língua inglesa de diversas nações, literaturas de minorias (*queer*, indígenas, imigrantes, etc.), e expressões artísticas em diferentes mídias. Devo dizer que a “modernidade” de tais programas não foi resultado apenas de experimentalismo ou de uma tomada de consciência pessoal, mas refletiu também o conhecimento que passei a ter de currículos de outras universidades que já desenvolviam programas menos ortodoxos, como era o caso da Unisinos, cujo curso de Letras não explorava as literaturas de língua inglesa a partir de uma visão cronológica com a qual eu me acostumara desde a minha graduação, optando por agrupar os estudos em função de gêneros literários e/ou temáticas, o que facilita enormemente a superação do paradigma britânico-estadunidense com o qual ainda nos digladiamos no IL.

A conclusão de meu doutorado coincidiu com (ou levou a) meu desligamento do IPA. Em um volume dedicado aos percursos dos professores do PPG, talvez não seja de bom tom salientar

que, infelizmente, a qualificação docente no Brasil, por vezes é abertamente desestimulada, pois doutores constituem mão-de-obra cara, particularmente para os combalidos cursos privados de Letras. Porém, acredito que a formação de novos docentes não deva ser pautada por visões românticas que “tapam o sol com a peneira”. É preciso conhecer o mercado de trabalho e traçar estratégias coerentes para o desenvolvimento de carreiras acadêmicas, por isso compartilho aqui as circunstâncias desse “tropeço”.

Felizmente, para mim, aquele desligamento estava mais intimamente relacionado a questões internas de gestão da instituição do que ao cenário do ensino de Letras em nível nacional, já que as universidades públicas e os muitos Institutos Federais de Educação, recém-criados, viviam uma época de “vacas gordas” sem precedentes que permitiram a expansão, consolidação e qualificação do ensino superior, tanto nas capitais quanto em cidades do interior do país. Por conta disso, em 2010, tive a oportunidade de prestar nada menos do que três concursos públicos para o IL, concursos em que minha recente “superqualificação” passava de empecilho à condição básica para contratação. Mas justiça seja feita: se, por um lado, o ensino superior privado por vezes comete injustiças e se vê compelido a sacrificar a qualidade dos cursos e a estabilidade dos docentes em função da saúde financeira, por outro, ele costuma demandar dos professores uma atuação profissional bem menos especializada, o que frequentemente resulta em uma visão mais abrangente da área e em práticas de ensino menos ensimesmadas.

Esse não é o caso, evidentemente, de grandes e prestigiosas universidades privadas que detêm sólidos programas de pós-graduação e de pesquisa, o que demanda corpo docente altamente especializado. Refiro-me, aqui, às instituições menores (ainda que a lógica de mercado por vezes também se imponha sobre as de maior prestígio acadêmico), como aquelas em que tive a oportunidade de lecionar uma variedade grande de disciplinas. Não fossem tais experiências tão desafiadoras e diversas, eu provavelmente não teria qualificado minha formação em áreas não diretamente vinculadas aos meus estudos de pós-graduação. Felizmente, no entanto, todo aquele esforço para dar conta de disciplinas de língua, literatura e cultura estrangeiras, de teoria literária e de formação de professores de línguas adicionais agora vinha muito a calhar, e, após uma verdadeira maratona, fui aprovada nos concursos para professores do IL nas áreas de Tradução do Inglês, Ensino de Inglês e Teoria Literária no mesmo ano em que me tornei Tradutora Pública e Intérprete Comercial (tradutora juramentada) de inglês, em concurso realizado pela Junta Comercial do RS.

Novamente, me vi diante da necessidade de optar por um caminho dentro das várias possibilidades da área de Letras. Teoria Literária me permitia trabalhar com literaturas dos mais diversos contextos culturais e linguísticos, assim como relações com outras mídias; ensino de inglês demandava o debate acerca das questões educacionais no Brasil, algo que sempre me motivou muito; tradução do inglês, por sua vez, não era minha área de formação propriamente dita, mas a experiência de atuação junto

ao NET já havia demonstrado que essa área me permitiria explorar língua, literatura e mesmo outras mídias. Assim, optei pela tradução e, felicidade suprema, me tornei professora do Departamento de Língua Modernas.

Mas, embora não se possa comparar as condições de trabalho de professores universitários federais com aquelas das instituições por onde eu havia passado, nem só de área de especialização e preferências temáticas se vive no IL; diante da altíssima demanda por disciplinas de língua inglesa, tanto em turmas de Letras quanto em outros cursos da UFRGS, assumi turmas de inglês, inglês instrumental, cultura inglesa, literatura inglesa e, somente após vários semestres, comecei a atuar também na formação de tradutores, supervisionando estágios de tradução. Diferentemente das experiências profissionais anteriores, no entanto, aqui a pesquisa já não era opção, mas obrigação para a qual havia previsão de carga horária, o que me permitiu perseguir meus interesses específicos, apesar da diversidade das atividades de ensino.

Meus interesses de pesquisa novamente se voltaram às relações entre literatura e cinema, particularmente aos Estudos de Adaptação, que, no cenário internacional, começavam a assumir contornos de disciplina autônoma graças aos esforços de pesquisadores de renome vinculados à recentemente constituída Association of Adaptation Studies. Nacionalmente, essa área também começava a ganhar fôlego, particularmente a partir de 2011, com a publicação, pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, da tradução de *A Theory of Adaptation* (Uma

Teoria da Adaptação), seminal tratado da área, de autoria de Linda Hutcheon. O fato de o curso de Letras da UFSC ser uma referência em Estudos de Tradução e ter viabilizado a circulação nacional da obra de Hutcheon evidencia que, assim como eu, outros pesquisadores pareciam estar substituindo o conceito de tradução intersemiótica pelo de adaptação.

Apesar do crescimento e consolidação de tais estudos, no entanto, ainda eram frequentes as publicações de análises superficiais e mal fundamentadas que pouco faziam no sentido de superar visões anacrônicas e equivocadas acerca das relações entre a literatura e o audiovisual, pautadas pela expectativa de “fidelidade ao texto original” e por uma hierarquia das artes que confundia diálogos intertextuais com dívida cultural. Sendo assim, assumi a tarefa de “pegar o touro pelos chifres”, e meu primeiro projeto de pesquisa como docente do IL defendia que a relação entre cinema e literatura não era parasitária, mas simbiótica. Ou seja, pretendia demonstrar, com dados de mercado editorial e o suporte teórico da Teoria dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar, que a difundida prática de adaptação de obras literárias para o cinema beneficiava a literatura tanto quanto – ou até mais que – o cinema, diferentemente do que ainda apregoam os adeptos do dogma “o livro é melhor do que o filme” e demais pérolas da crítica pseudocomparatista. Mas a tarefa que eu imaginava hercúlea mostrou-se bem mais simples assim que comecei a examinar casos recentes de adaptações, em particular quando descobri, para meu próprio espanto,

que a editora que introduziu *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, no Brasil, ainda na década de 1970, havia falido logo após essa publicação, e que o fenômeno editorial e cultural que essa obra veio a se tornar, a partir da primeira década do novo milênio, era fruto direto do sucesso da adaptação fílmica dirigida por Peter Jackson.

Ao desenvolver esse projeto, descobri que, assim como eu, havia muitos alunos de graduação ansiosos por tratar de adaptações, de audiovisual e de questões culturais mais amplas que demandavam a superação de preconceitos e hierarquias, além de uma visão objetiva quanto ao papel da indústria cultural na formação de leitores e no status da literatura. Constituí um grupo sensacional de bolsistas de Iniciação Científica, orientei vários Trabalhos de Conclusão e, a convite das colegas Rosalia Neumann Garcia e Sandra Maggio, ministrei algumas aulas em disciplinas do Programa de Pós-Graduação. Assim, após dois anos de casa, consegui chegar ao patamar de produção acadêmica e de qualificação necessário para credenciamento como professora e orientadora de mestrado do PPG, o que me permitiu, entre tantas realizações, seguir orientando alunos que já faziam parte de meu grupo de pesquisa.

Mais uma vez, impunha-se a necessidade de uma escolha de área, já que os docentes do PPG devem formalizar seu vínculo ao Programa por intermédio de uma linha de pesquisa. Embora tivesse (e tenha) amigos e afinidades de pesquisa tanto na Literatura Comparada quanto nas Literaturas de Língua Inglesa, optei pela segunda a fim de ajudar a “carregar o piano” em uma linha com menos professores. Não foi pouco o orgulho de, de repente, me

ver orientando mestrandos ao lado de quem fizera isso por mim (Rita Schmidt), e de colegas do gabarito de Sandra Maggio, Rosalia Garcia e Kathryn Rosenfield.

Em 2013 organizei, com a ajuda de meus orientandos, de alunos e de colegas do PPG, um evento memorável: a Jornada de Estudos de Adaptação. Foram três dias de discussões e apresentações de trabalhos acerca das relações entre literatura e cinema, séries de TV, teatro, plataformas digitais, artes visuais e, cereja do bolo, jogos digitais. Digo cereja do bolo porque, mesmo para mim, que idealizei o evento e convidei palestrantes escolhidos a dedo, a discussão em torno dos videogames e afins foi, além de divertidíssima, verdadeiramente reveladora, pois abriu meus olhos para a necessidade de qualificarmos e aprofundarmos o debate acerca de letramento multimodal, já que, queiramos ou não, as novas gerações de leitores estão sendo formadas sob a forte influência de novos paradigmas narrativos.

A Jornada foi um grande sucesso; muitos dos trabalhos apresentados foram reunidos em um volume especial da Revista *Translatio* (nº 6, 2013) e, acredito que não por coincidência, a partir de 2015, o Grupo de Estudos de Adaptação e Tradução (GREAT) da USP, liderado pelo Prof. Dr. John Milton, passou a realizar a JOTA - Jornada de Tradução e Adaptação a cada dois anos, trazendo ao Brasil alguns dos principais pesquisadores da área e auxiliando, substancialmente, na popularização dessa área de estudos em nível nacional.

Entretanto, a realização desses e muitos outros eventos semelhantes, bem como a publicação de diversos livros e periódicos

cos dedicados ao tema da adaptação, aos poucos, começaram a dar indícios de que a busca pela consolidação dos Estudos de Adaptação como disciplina autônoma demandaria certo rigor investigativo e conceitual, algo sem dúvida necessário, mas que, não raro, redundava em construção de muros, estreitamentos de conceitos e no surgimento de autoproclamados “prefeitos de área”. A sensação era de *déjà-vu*: quando eu estudava adaptações como casos de tradução intersemiótica, havia quem criticasse a ousadia por não se tratar de “tradução propriamente dita”; agora, ao analisar diálogos fora do eixo preferencial literatura-cinema, ou mesmo aventar hipóteses quanto a relações adaptativas que não se pautam pela retomada de títulos, enredos e/ou personagens, me deparava com narizes torcidos por esses não serem casos de “adaptação propriamente dita”.

Apesar disso, ainda insisti em uma abordagem mais ampla aos fenômenos adaptativos, coordenando um projeto de pesquisa dedicado ao estudo de cinebiografias de escritores/as como um caso de adaptação em que literatura e história se misturam por completo, iniciativa que me rendeu excelentes parcerias e publicações de grande relevância. Também decidi retomar e ampliar aspectos da pesquisa de meu doutorado, explorando a relação entre Edgar Allan Poe e Alfred Hitchcock, não mais como mera influência, mas como um caso do que chamei de “adaptação de forma” (em oposição a “adaptação de conteúdo”), já que o elemento adaptado pelo cineasta britânico consistia na própria estrutura narrativa geradora de suspense. Além disso, pretendia investigar

em que medida o cinema de suspense de outros diretores reproduzia essa mesma estrutura, e, para isso, eu precisava me dedicar a estudos de narrativa fílmica bem mais aprofundados. Assim, transformei essa ideia em novo projeto, e tive o imenso privilégio de realizar parte da pesquisa como pós-doutorado na Universidade de Miami (Flórida, EUA), entre 2015 e 2016, sob supervisão do Dr. William Rothman, renomado estudioso da obra hitchcockiana.

A experiência do pós-doc, propiciada pela Capes e pelos colegas do setor de inglês, que assumiram minha carga horária docente para que nenhuma disciplina deixasse de ser oferecida regularmente, foi transformadora em diversos sentidos. Pesquisei o que precisava, sustentei minhas hipóteses, e publiquei o que havia me proposto a publicar, mas, a cada dia, aumentava minha impressão de que os Estudos de Adaptação estavam cada vez mais parecidos com um clube que só aceitava membros que jurassem exclusividade, e eu já não pretendia dedicar muitas energias a defender um conceito de “adaptação de forma” onde a moda era “o conteúdo”.

Por outro lado, a pesquisa demandou maior aprofundamento em estudos de narrativa, e isso me levou a correntes de narratologia até então desconhecidas para mim. Além disso, por intermédio do Dr. Rothman, conheci os professores Otavio Bueno e Allan Casebier, da Faculdade de Filosofia da Universidade de Miami, que me convidaram para integrar seu grupo de discussão acerca de cinema e filosofia, iniciativa que me rendeu não apenas ótimos amigos e um repertório de grandes obras do cinema mundial, mas também novos conceitos e paradigmas para o estudo do audiovi-

sual, me libertando, ao menos temporariamente, da necessidade do cotejo com a literatura. Mas a conclusão daquele ano idílico de dedicação total a estudos e pesquisa me trouxe de volta ao IL e ao ensino de literatura, e o firme propósito de não abandonar o audiovisual demandava um referencial, uma abordagem que atendesse meus interesses comparatistas e intersemióticos com rigor conceitual, mas sem engessamentos.

Foi então que me voltei aos Estudos de Intermidialidade, corrente já bastante consolidada na Europa e que, aqui no Brasil, tinha como um dos maiores expoentes a Dra. Thaïs Nogueira Diniz, exatamente a pesquisadora que, durante minha graduação, servira de fonte para estudos de adaptação como tradução inter-semiótica. (Devo confessar que é sempre reconfortante constatar que profissionais de grande relevância e renome tiveram percursos parecidos com os nossos, mesmo em passos que podem parecer desvios de rota.) Coordenadora do grupo de pesquisa Intermídia (CNPq), a professora Thaïs e seus colaboradores passaram a organizar, desde 2017, o Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem, evento bianual cujo nome já indica o porquê de minha imediata identificação. Passei a integrar o grupo Intermídia e, com isso, a me familiarizar com o trabalho de renomados pesquisadores da Intermidialidade, tais como Claus Clüver (cofundador do Grupo), Irina Rajewsky, Lars Elleström, Marie-Laure Ryan, entre outros. Paralelamente a isso, também levei adiante meus estudos de narrativa, encontrando na Narratologia Funcionalista da Escola de Tel Aviv, particularmente nos estudos de Meir Sternberg e de Tamar

Yacobi, a fundamentação teórica que melhor atendeu aos meus interesses de abordar narrativas em diferentes mídias sem partir de pressupostos ancorados exclusivamente em textos literários.

Não foi exatamente uma surpresa constatar que diversos pesquisadores de intermedialidade têm, também, interesse pelas questões narrativas que me movem. E é com satisfação que tenho acompanhado o intercâmbio dessas duas áreas com alguns dos nomes de referência dos Estudos de Adaptação, particularmente o prolífico Prof. Thomas Leitch e Patrick Cattrysse, pesquisador belga que, assim como eu e a professora Thaïs, também entrou nessa de misturar mídias seduzido pela tradução intersemiótica. A detratores de áreas de pesquisa recentes (sim, eles existem), tais movimentos podem parecer decorrentes de imprecisões conceituais e/ou metodológicas, mas, para mim, eles sinalizam uma abertura muito salutar e tentativas legítimas de se abarcar fenômenos artísticos e comunicacionais que, como frutos de um contexto cultural convergente, digitalizado e globalizado, não podem ser satisfatoriamente compreendidos exclusivamente a partir de pressupostos e paradigmas estabelecidos em séculos passados.

Por conta disso, constituí, há cerca de dois anos, o Grupo de Estudos de Narrativa e Intermidialidade (GENI), no qual atuam meus orientandos do PPG e de Iniciação Científica, bem como alguns convidados indicados por colegas ou movidos pelo interesse em estudar filmes, séries de TV e *streaming*, novelas, quadrinhos, narrativas transmídia, jogos digitais e, é claro, literatura, a partir do referencial teórico da Narratologia Funcionalista

e dos Estudos de Intermidialidade. Esses mesmos interesses investigativos são a base, também, da seleção de textos que tenho sugerido como planos de trabalho aos estagiários de tradução que supervisiono semestralmente.

Consciente do diferencial que essas abordagens teóricas podem proporcionar a estudantes e pesquisadores brasileiros para quem o inglês constitui uma barreira, bem como da importância de dar visibilidade às traduções dos alunos do Bacharelado, publicamos *As Modalidades da Mídia II: um modelo expandido para compreender as relações intermídiais*, de Lars Elleström (Edipucrs, 2021); temos, em fase de revisão, a tradução de um tratado acerca da confiabilidade narrativa de autoria de Meir Sternberg e Tamar Yacobi, a ser publicado pela Zouk Editora em parceria com o PPG Letras; e também estamos produzindo um site para disponibilização das traduções de textos selecionados da enciclopédia online *The Living Handbook of Narratology*.

Além disso, a pandemia de Covid-19 trouxe ao menos a vantagem de me proporcionar retomar a participação nos encontros semanais do grupo Philosophy of Film, que segue sob a batuta do Dr. Otavio Bueno, da Universidade de Miami. Agora por videoconferência, esses encontros estão ainda mais diversificados e ricos, propiciando meu diálogo com críticos e professores de cinema e de filosofia de diferentes instituições dos Estados Unidos.

Ao chegar ao final dessa longa recapitulação de minha privilegiada formação e minha afortunada carreira na área de Estudos Literários, percebo que, na verdade, muito pouco foi de fato,

obra do acaso. Se eu já não fosse uma leitora voraz e simpatizante do estudo de línguas, provavelmente nem teria cogitado apontar Letras como segunda opção no Vestibular. Se não fosse, também, aficionada por audiovisual, quadrinhos e outras mídias, não teria buscado espaços, dentro do IL, onde explorar tais interesses. E se não tivesse uma verdadeira paixão pela educação, pela sua prática, seu estudo e pela necessária luta por sua qualificação, eu não teria me preocupado em diversificar tanto meus conhecimentos para subsidiar um ensino de literatura que não prescindia do conhecimento linguístico, não ignore as características da mídia, não feche os olhos para a complexidade e beleza dos sistemas culturais convergentes e que possa, então, propiciar um letramento multimodal que se traduza em efetiva capacidade de ler criticamente o mundo atual.

O que não se pode negar é que nada disso teria acontecido se o Instituto de Letras e seu Programa de Pós-Graduação não proporcionassem, a um só tempo, sólidas bases e janelas que se abrem para o mundo, e, é pela consciência disso que tenho enorme orgulho e responsabilidade em levar adiante essa tradição de 50 anos. Que venham os próximos 50 e os relatos de novas gerações de professores e pesquisadores que farão avançar os Estudos Literários e o ensino no Brasil.

• • •